

SOBRE O NOSSO TEMOR DA MORTE, DE E. TUGENDHAT

On Our fear of death, by e. Tugendhat

Gabriel Ferreira da Silva*

Resumo: Embora seja claro que a morte nos inspira temor, não nos é igualmente claro aquilo por força de que nós a tememos. É em vista de analisar as condições que engendram tal temor que o texto *O nosso temor da morte*, do filósofo alemão Ernst Tugendhat, constitui-se. Partindo de considerações acerca do sentimento de temor da morte, que a princípio parece ter sentido apenas na dimensão da introspecção, o filósofo vai em busca das estruturas que favorecem o aparecimento de tal pavor, formulando aquilo que denomina “hipótese biológica”, que deve servir a uma relativização de si como expediente para a superação do medo da morte. Nesse artigo pretendemos explicitar o movimento argumentativo de Tugendhat, bem como apresentar algumas questões que nos parecem em aberto.

Palavras-chave: Tugendhat. Temor. Finitude. Hipótese biológica. Relativização de si.

Abstract: Although it is clear that death inspires fear, it's not equally clear what is that by virtue of which we fear it. To analyze the conditions that engender such fear, that is aimed the text *Unsere Angst vor dem Tod*, by the german philosopher Ernst Tugendhat. Starting from considerations on the feeling of fear of death, which at first seems to make sense only in the dimension of introspection, the philosopher goes in search of structures that promote the appearance of such fear, formulating what he calls “biological hypothesis”, which should support the relativization of oneself as an expedient to overcome the fear of death. This article aims to explain Tugendhat's argumentative movement, as well as presenting questions that seem unsolved by the author.

Keywords: Tugendhat. Fear. Finitude. Biological hypothesis. Self-relativization.

*Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bolsista CAPES. E-mail: gabriel@gabrielferreira.com.br

Introdução

No sexto livro da *Ilíada* de Homero, há um herói – Sísifo – que recebe o epíteto de “*o kárdistos*”, “o exitoso”, “o que lucrou” ou “o que obteve grande sucesso”¹. Entre os diversos relatos acerca de Sísifo, o mais eloquente é o que narra seus feitos derradeiros. Após ter revelado a Asopus que Zeus estava seduzindo sua filha Egina, Sísifo se viu perseguido, segundo ordem do mesmo Zeus, por Thánatos (Morte) que deveria acorrentá-lo no Tártaro. Ao questionar Thánatos sobre o funcionamento dos grilhões, Sísifo engana o deus do submundo e o acorrenta, de modo que durante muito tempo os homens não morriam mais. Libertado por Ares, Thánatos vai em busca de seu antigo procurado e consegue levá-lo, não sem antes Sísifo fazer sua esposa, Merope, prometer não realizar os rituais funerários apropriados. Ao chegar à morada dos mortos, o herói clama a Hades por vingança pela desonra infligida por sua esposa ao deixá-lo insepulto.

Como se sabe, a morte e seus devidos cuidados são objeto de respeito até mesmo dos deuses. Desse modo, Hades permite que o recém chegado volte para se vingar. E assim, uma vez ressuscitado, Sísifo permanece em Corinto até falecer em avançada idade. Enganar a morte – e por duas vezes – parece de fato ser digno do predicado “exitoso”. É, de certo modo, sobre este mesmo transfundo da nossa difícil relação com a nossa finitude que atravessa a história de nossa civilização e, porque não dizer, da nossa espécie mesma, que irrompe o problema do nosso temor da morte no texto homônimo de Ernst Tugendhat.

O ponto principal do texto de Tugendhat pode ser explicitado da seguinte maneira: ainda que algumas pessoas não o apresentem, o temor da morte parece ser uma reação sobremaneira recorrente entre nós, humanos. Contudo, embora compartilhemos tal temor, seu sentido e sua origem estão longe de nos serem óbvios. Além disso, parece indicar um sentimento que se passaria no domínio de nossa interioridade e seria irreduzível a categorias mais gerais. O objetivo de Tugendhat é, então, apresentar uma proposição que descreva certa estrutura que, a um só tempo, (a) seja explicação mais fundamental ou justificação para que tal temor apareça, (b) se apresente como estrutura intersubjetiva, instalando tal temor não mais numa interioridade ou subjetividade evanescente, mas na própria condição biológica do animal humano e, por fim, (c) seja a base a partir da qual o temor da morte possa ser superado na medida em que a partir dela pode-se pretender um esvaziamento ou relativização de seu sentido.

Para isso, o autor empreende (1) uma análise dos traços gerais daquilo que entendemos por temor da morte, que acaba por desvelar seu fundamento naquela estrutura denominada (2) “hipótese biológica”. Por fim, Tugendhat apresenta um expediente cujo objetivo é a tentativa de responder à questão acerca de como podemos minimizar tal temor, transposto agora na categoria de “frustração”, através daquilo que denomina (3) “relativização lateral de si”. (4) Apresentaremos, então, algumas

¹ Cf. HOMER. *The Iliad*. Trad. R. Fagles. New York: Penguin, 1990, VI, 153-155.

questões que, longe de pretenderem rivalizar com o texto, apresentam pontos passíveis de serem discutidos em um tema cujo término está ainda por ser alcançado.

1. O temor da morte

É a partir da percepção fática da existência de um temor para com a morte que Tugendhat inicia suas reflexões. Embora por diversas vezes no texto o filósofo faça alusão a certas pessoas que não o apresentam – seja de fato, seja como possibilidade lógica –, parece ser fundamental, ainda que com o objetivo de superá-lo, aceitar o pavor da morte como um fato bruto que acomete a maior parte dos indivíduos, a começar pelo próprio autor que o confessa explicitamente². Desse modo, a análise que tem como meta a elaboração de uma hipótese explicativa em sentido forte e objetivo, inicia-se por uma abordagem fenomênica³: “no final da palestra, abordarei a questão de como podemos superar esse medo; mas, para poder superá-lo, é, primeiramente, necessário aceitá-lo”⁴. Cumpre lembrar que, mesmo após a enunciação daquela hipótese, é sempre ao redor do temor da morte e da nossa relação para com ele que orbitam as reflexões de Tugendhat: “A maior parte da palestra será dedicada à questão de como descrever o temor da morte”⁵.

A correta descrição fenomenológica de nosso temor centra-se, segundo a descrição tugendhatiana, na acertada aferição de nosso distanciamento em relação à morte. Comumente pensamos na morte ou como evento a se dar num futuro distante ou como acontecimento muitíssimo próximo, em vias de ocorrer. Contudo, nenhum dos dois modos de se relacionar com a morte é o mais adequado para que o temor apareça. Seja como fato distante, que praticamente se dissolve na quase estéril categoria de finitude – que sejamos mortais é uma qualidade e, segundo Tugendhat, não tememos qualidades, mas tão somente eventos –, seja como acontecimento já em processo, em relação ao qual não se tem espaço ou condições para que se possa temer, “nenhuma dessas duas perspectivas é a característica para o temor”⁶.

A justa distância, a qual se configura como aquela que realmente faz aparecer o temor da morte, é a que o filósofo denomina de morte iminente:

Mas existe uma terceira perspectiva, aquela que se tem quando uma pessoa crê que a morte é iminente, como, por exemplo, quando sou comunicado que, no dia seguinte, serei executado ou quando se sabe que se tem uma doença letal. Creio, pois, que são

² Cf. TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.159.

³ Os vocábulos ligados ao termo “fenômeno”, inclusive o termo “fenomenológico” mais adiante, referem-se tão somente àquilo que é do domínio do *phainós*, ou seja, daquilo que aparece, que se mostra.

⁴ TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.159.

⁵ TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.159.

⁶ TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.159.

às situações nas quais temos a consciência de ter de morrer logo é que nos temos de ater em primeiro lugar quando perguntamos em que consiste o temor da morte⁷.

Portanto, o temor da morte nos aparece de maneira mais própria num espaço intelecto-afetivo intermediário, no qual consideramos a morte como uma possibilidade menos remota do que aquela na qual pensamos quando a vislumbramos como praticamente idêntica à nossa finitude ou mortalidade, mas nem tão próxima a ponto de confundirmos o temor da morte com outros temores correlatos e mais imediatos, como o pavor proveniente do modo ou do “como” estamos morrendo.

Estabelecida a correta relação com a morte na qual o temor se dá de maneira mais própria, impõe-se uma pergunta mais interna: o que se teme quando se teme a morte? Dito de outro modo, qual o objeto que focalizamos com o nosso temor quando dizemos que tememos a morte? Novamente, outra bifurcação é possível: “[...] o que me apavora é ou a própria morte, o fim iminente, ou a minha vida passada”⁸. Parece ser patente que a iminência da morte tem efeito retroativo sobre nossa vida, fazendo-nos repensar nossas prioridades. Isto ganha um peso especial no interior de certos tipos de crenças para as quais o modo como se viveu tem uma importância capital em alguma esfera *post mortem*⁹. Do mesmo modo, parece evidente que se teme o cessar da vida em si mesmo ou, fazendo uso da expressão utilizada por Thomas Nagel, citada pelo próprio Tugendhat, a “dissolução no nada”¹⁰. Mas qual a fonte de nosso temor em relação ao nosso não ser? Lembrando o argumento de Lucrecio – diz-nos Tugendhat –, poderíamos relativizar nosso pretense “dissolver-se” em vista do fato de que também partimos do nada e, não obstante, não o tememos¹¹.

Também com Nagel, o filósofo aponta uma segunda formulação cujo deslocamento de ênfase acentua agora a morte como “cessar da consciência”¹². Esta formulação, embora bastante próxima da primeira, pareceria um tanto mais clara e melhor por não conter uma referência ao “não” e ao “nada”, como que apontando para uma esfera metafísica em que o nada contasse quase com certo grau de positividade ontológica no qual o “eu” se dissolveria.

⁷ TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.160.

⁸ TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.161.

⁹ Cf. TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.161. Tugendhat cita a presença deste elemento tanto em civilizações antigas quanto no cristianismo (que injustificadamente também aparece no pretérito) quanto em autores como Kierkegaard (referindo-se ao último dos *Três discursos sobre ocasiões imaginadas*) e a Tolstoi (provavelmente referindo-se ao romance *A morte de Ivan Ilitch*, com edição brasileira pela L&PM, 1997, tradução de Vera Karam).

¹⁰ TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.162.

¹¹ Cf. TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.162.

¹² TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.162.

2. A hipótese biológica

A característica fundamental que perpassa as descrições acima é a subjacente preocupação com o nosso futuro, conforme alusão feita por Tugendhat. É possível dizer que mesmo o temor de não ser está em estreita conexão com nossa estrutura de linguagem que antecipa nossas ações e condições futuras. Todavia, a fonte desta nossa preocupação ainda não é clara. Por força de que temos nós uma preocupação com o futuro, diferentemente dos outros animais? A análise dos componentes últimos de nosso temor da morte nos conduz, portanto, àquele que parece ser o elemento fundamental de nossa repulsa em relação à finitude: “ porque os homens sempre querem continuar vivendo, a ideia de a vida cessar lhes parece insuportável”¹³.

Como anuncia Tugendhat, estamos portanto diante da proposição que enuncia o núcleo daquilo que é condição de possibilidade para nosso temor da morte. Estamos agora diante daquilo que se mostra como uma estrutura diretamente relacionada com nossa constituição biológica que é responsável pela sobrevivência da nossa espécie: ela não só garante um certo tipo de modo de vida que a ela se adegue, na medida em que impele a fugir das ameaças e a nos aproximarmos daquilo que promove nossa continuidade, mas se concatena com nossa propriedade de animais dotados de certa consciência que nos permite um tipo de distanciamento no tempo e, por conseguinte, uma preocupação com o futuro. Pois, “[...] para poder sobreviver, [os indivíduos] têm de estar providos do sentimento de sempre querer continuar vivendo. Essa é a hipótese biológica da qual falei no começo”¹⁴.

Com isso, para Tugendhat, ficam satisfeitas as duas condições que havíamos apontado anteriormente: é nossa condição de querermos continuar vivendo, como fundamento de nossa própria extensão no tempo, que é fonte e origem de nosso temor e que, por sua vez, nada tem de subjetiva ou restrita à interioridade de um “eu” psicológico. Ela corresponde a uma função biológica que exerce o papel de índice de objetividade: é comum a toda nossa espécie e para aquelas que desejam continuar se perpetuando. Se as demais espécies não parecem apresentar tal temor é porque não lhes é facultada a possibilidade de distanciamento de si e projeção de um futuro tornada possível a nós por nossa linguagem mais complexa: “Assim, confirma-se não haver uma necessidade intrínseca que se tenha de sentir o próprio não ser como algo terrível”¹⁵.

Para além da função de preservação individual, o temor da morte iminente derivado de nossa estrutura biológica mostra-se também como fundamental para a própria sobrevivência da espécie. Não é, portanto, impossível que haja espécies que não tenham tal temor; caso não houvesse uma tendência

¹³ TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.163.

¹⁴ TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.163.

¹⁵ TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.164.

biológica à manutenção de sua existência que lhes inspirassem certo temor frente à morte iminente, elas simplesmente se extinguiriam¹⁶.

Em suma, podemos dizer que a assim chamada hipótese biológica representa então um avanço explicativo em relação às demais teses sobre a origem de nosso temor da morte sob três aspectos, a saber, (i) na medida em que não se refere mais apenas a um sentimento – o temor – mas aponta para um comportamento¹⁷ passível de ser reconduzido a uma estrutura biológica; (ii) por indicar uma determinada estrutura biológica, ela está em consonância com nossos conhecimentos objetivos advindos das ciências naturais; e, por fim, (iii) dispensa qualquer conteúdo ou referencial metafísico. A hipótese biológica também parece explicar por que nas duas situações analisadas anteriormente – a da morte como horizonte último e a da extrema proximidade da morte – pode-se não sentir o temor: frente a ambas, a nossa função biológica que nos move à preservação não desempenha papéis preponderantes, seja pelo fato de não estar suficientemente ameaçada no primeiro caso, seja porque se percebe que ela já não tem mais serventia no segundo¹⁸.

De acordo com Tugendhat, a hipótese biológica também parece responder a outro tipo de questão, também filiada a Nagel: “quer-se continuar vivendo a qualquer preço ou porque se acredita que se podem esperar mais bens do que males?”¹⁹. Afastadas as condições psicológicas de tal ou tal indivíduo determinado, parece que seria preciso que a soma de males ou desvantagens em se continuar vivendo fosse muito grande a fim de superar a inclinação natural e biológica para a continuação da existência.

3. A relativização lateral como possibilidade de superação do temor da morte

É nesse registro que surge a reflexão acerca da visão comum que encara a morte como perda. Ainda que, segundo Tugendhat, não se possa propriamente falar de “perda” da vida, no sentido em que a perda pressupõe que continue havendo um “alguém” ou “algo” que sofre tal perda e, no que tange à morte é justamente a cessação por completo, tal maneira imprópria tem a vantagem de tornar possível pensar a morte como “perda da vida” de maneira similar a outras perdas e frustrações que experienciamos²⁰.

¹⁶ Cf. TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.164.

¹⁷ Cf. TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.163.

¹⁸ Cf. TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.165.

¹⁹ TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.164.

²⁰ Cf. TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.167. Poder-se-ia lembrar aqui também do argumento de Epicuro, em sua

Tugendhat propõe então aquilo que chama de “relativização lateral do eu”. As contradições que experienciamos em nossa vida, entre nossos desejos e suas não efetivações são geralmente mediadas por nós – como já apontara Aristóteles acerca das contradições lógicas – pela inserção do elemento “tempo”; aquilo que no presente se mostra como contradição insolúvel pode ser de outra maneira no futuro. É este o mecanismo do qual fazemos uso e que desempenha um papel importante para a nossa motivação em continuar vivendo e superando as dificuldades. Fazemos, portanto, uma relativização temporal ou, em se considerando a linha do tempo à nossa frente, horizontal. Mas o que fazer frente à morte que representa, justamente, um fim naquela linha de continuidade temporal? Ora, tal relativização deve então ser feita lateralmente, colocando-nos em perspectiva em relação à importância dos outros componentes do mundo:

O que chamei de relativização lateral significa que eu não me considero o ponto de referência de tudo o que me parece importante. Em relação ao mundo, eu não tenho importância e eu mesmo posso ver as coisas assim. Por conseguinte, quando consigo transferir a última medida de importância para outras coisas ou para o mundo, o temor de que vou cessar fica relegado a um segundo plano²¹.

Portanto, é por uma descentralização que fazemos de nós mesmos, que podemos realocar nossa atenção (*Besinnung*)²². A relativização lateral de si mostra-se como opção de superação do temor da morte a partir da consciência da diluição da importância da vida no ciclo biológico que nos é próprio.

Desse modo, no que diz respeito às características (a) e (b) da hipótese biológica, parece-nos que o intento tugendhatiano é bem sucedido. Mas surgem então algumas perguntas acerca do sucesso no que diz respeito a (c), ou seja, se a hipótese biológica, entendida por Tugendhat como única passível de fornecer as bases para o expediente da relativização lateral de si, apresenta-se como hipótese mais forte também nesse sentido.

4. Ganho epistemológico e ganho existencial: algumas questões

Dentre as muitas questões abertas pelo texto, optamos por nos centrar naquelas que têm por detrás a relação entre o ganho “existencial” e o ganho “epistemológico” da tese tugendhatiana aqui exposta²³.

Carta a Meneceu, acerca da impossibilidade de fazermos experiência da nossa própria morte, na medida em que, quando ela se faz presente, não há mais propriamente um “nós” como sujeitos de tal experiência.

²¹ TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.174

²² Cf. TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.174.

²³ Oponho aqui ganho “existencial” ao óbvio ganho “epistemológico” ou “explicativo”. O ganho existencial dar-se-ia justamente na facilidade da superação de nosso temor em conexão com a clarificação da estrutura

a) Se a relativização de si mesmo tem como correlato epistêmico a aceitação da nossa base biológica, isto não equivale à aceitação de nossa condição enquanto qualidade ou propriedade de entes finitos? Parece haver aqui tanto um choque com uma das asserções anteriores – descartada logo no início do texto²⁴ – de que não tememos uma qualidade ou atributo, mas apenas um evento, quanto com uma das vantagens explicativas da hipótese biológica no sentido de que a aceitação parece ser o simples reverso do temor.

b) A hipótese biológica, tal como apresentada por Tugendhat, constitui um avanço em relação à abordagem comum que se centra no “temor” e em seus desdobramentos psicológicos como objeto. A hipótese biológica descreveria então um “comportamento” ao invés de apenas um “sentimento” pretensamente ligado a um “eu”. Ora, no fim da mesma explanação acerca de tal hipótese, Tugendhat afirma que é pelo fato de estarmos “providos do sentimento de sempre querer continuar vivendo”²⁵ que agimos no sentido de estender o período da nossa existência. Não se trataria então de uma substituição de um sentimento – temor – por outro, a saber, o desejo de continuar vivendo, em patente contraste com a vantagem explicativa (i) exposta acima²⁶? De qualquer modo, qual seja a relação entre tal função biológica e o sentimento que ela inspira, sua explicitação parece continuar em aberto.

c) Em estreita conexão com a questão posta acima, podemos fazer outra. Tugendhat diz ao final do texto, de maneira pungentemente sincera, que o temor da morte não pode ser superado intelectualmente²⁷. Contudo, se há uma possibilidade de fazê-lo é, ainda de acordo com Tugendhat, através do expediente da relativização lateral de si por meio do reconhecimento da base biológica de nosso temor. Ora, mas se a explicitação da base biológica de nosso temor não garante por si a superação ou o ultrapassamento deste temor, qual o ganho existencial dessa tese? A relativização da minha importância não precisa absolutamente da explicitação da base biológica. Poder-se-ia dizer, ao contrário, que a exposição de tal base poderia até obliterar tal processo de relativização na medida em que o mundo e as outras pessoas, enquanto reduzidos também à sua dimensão biológico-funcional, inspiram bem menos a minha relativização enquanto tão (pouco) dotadas de valor intrínseco – Tugendhat diria insignificantes²⁸ – quanto eu. Parece haver a tentativa de se fazer uma *metábasis eis allo génos* (mudança para outro gênero) na medida em que Tugendhat tenta extrair logicamente, ou ao

biológica. Para além destes, poder-se-ia apontar, apenas a título de exemplo, o quanto o desnível entre nossos desejos que tendem ao infinito e a nossa existência finita nos traz o problema do sentido último de nossa experiência existencial: qual o valor de uma existência que se sabe, *a priori*, frustrante? Penso que a qualificação desta questão como pseudoproblema seja muito mais uma *petitio principii* do que uma verdadeira solução.

²⁴ Cf. TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.160.

²⁵ Cf. TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.163.

²⁶ Pressuponho que esteja afastada aqui qualquer possibilidade de erro do tradutor. Ainda assim, nosso autor continua parecendo indicar certo tipo de inclinação volitiva ou um *desideratum*.

²⁷ TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.175. O próprio autor confessa não conseguir fazê-lo.

²⁸ Cf. TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.174.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|------------------|----------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.5 – Nº. 2 | Novembro 2012 | p. 86-95 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|------------------|----------|

menos o insinua, uma decisão existencial, uma posição no terreno do sentido (relativização), de um conteúdo objetivo (base biológica) sem que tal passagem se efetue claramente.

d) Tugendhat apresenta a hipótese biológica como tese explicativa para nosso temor da morte. Assim, ela parece ser bastante adequada à tarefa de explicar simultaneamente o motivo pelo qual sentimos tal temor frente à morte iminente e porque tal temor não surge, por vezes, diante da morte como nossa perspectiva última ou nas pessoas prestes a morrer. Contudo, se ela parece explicar o porquê desse temor não aparecer nestas situações, a hipótese não parece ter o mesmo sucesso para explicar por que é possível, de fato, temer a morte nestas duas situações. O que ocorre é que, de fato, teme-se a morte que se avizinha – e é difícil chamar tal temor de “inadequado”, como o faz Tugendhat²⁹ – ou mesmo a condição de finitos enquanto tal, e não enquanto essa posição contém a ideia de morte iminente³⁰. É legitimamente plausível conceber o temor em relação ao fato de que minha existência necessariamente será inferior a tal intervalo de tempo – 150 anos, por exemplo – em vista de meus desejos, planos e anseios que gostariam de continuar se efetivando para além deste período, do mesmo modo em que é inegável que se pode temer a morte absolutamente próxima sem que tal temor se confunda com aquilo que Tugendhat chama de “temor vegetativo”³¹.

Conforme dissemos anteriormente, as questões apresentadas acima pretendem muito mais apontar para uma outra dimensão de consideração do problema – aquela em que o que chamamos aqui de ganho existencial tenha uma certa precedência e ganhe um contorno mais bem definido –, ainda que a partir da hipótese básica de Tugendhat, do que rivalizar com a análise exposta no texto. Por fim, é preciso que se diga que o texto de Tugendhat nos parece positivamente aberto. A mescla da posição pessoal do filósofo, trazida diversas vezes às suas considerações, com os argumentos e hipóteses faz de *O nosso temor da morte* uma peça à altura da grandiosidade e da iminência do tema cuja gravidade povoa nossas vidas, como mostra a arquetípica narrativa homérica, desde tempos imemoriais.

²⁹ Cf. TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.161.

³⁰ Tal tese de que a ideia de que vou morrer um dia veicula, na realidade, a ideia de morte iminente. (Cf. TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), pp.160-161.

³¹ Tugendhat define o “temor vegetativo” como um temor de ameaça física abrangente que pode incluir o medo da morte, “mas não a tem como objeto intencional” (Cf. TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), pp.167-168.

Referências bibliográficas

HOMER. *The Iliad*. Trad. R. Fagles. New York: Penguin, 1990.

TUGENDHAT, E. “Unsere Angst vor dem Tod”. In: *Anthropologie statt Methaphysik*. München: Beck, 2007, pp.159-175 (Trad. Adriano Naves de Brito).